

Que perguntas as ecologistas feministas fazem às igrejas cristãs?

IVONE GEBARA

As perguntas que nós feministas preocupadas com as questões ecológicas dirigimos às nossas igrejas e às nossas teologias tem uma ligação, tem a ver com nossa vida em nossa *oikia*, isto é em nossa casa comum, a terra como lugar que nos contem e nos permite viver. É desde este lugar geográfico vital que nos damos conta dos atentados mortais à Terra, da enfermidade que lhe impusemos por causa da ganância de nossos projetos culturais e econômicos. É desde a nossa *oikia* comum que nos damos conta que tudo está contaminado por esta enfermidade que se manifesta na morte de nossos rios, na destruição de nossas florestas, na má qualidade de nosso ar, nas químicas introduzidas nos alimentos e assim por diante.

A enfermidade social que se manifesta através da luta de classes, entre os gêneros, entre etnias aparece também no comportamento que reduz a Terra a mercadoria e mata a biodiversidade que a caracteriza através de monoculturas e cansaço dos solos. Tudo se relaciona com tudo.

Nesse sentido nossas perguntas apresentam-se também como uma variação das mesmas perguntas que dirigimos à compreensão mecanicista e utilitária presente em nosso mundo globalizado e criticadas pelas teologias feministas. Em outros termos, nos damos conta da cumplicidade das elaborações teológicas na manutenção de uma cultura hierárquica de exploração dos seres humanos e da natureza. Em certo sentido falar da exploração do ser humano é também falar da exploração da Terra como natureza visto que, como disse anteriormente, acreditamos na relacionalidade entre tudo o que existe. Esta é a postura epistemológica das ecofeministas.

Fazer perguntas não significa deixar de reconhecer que em meio às dificuldades e sofrimentos do passado e do presente, coisas boas aconteceram e acontecem. A crítica reflexiva antropológica e teológica às igrejas é um trabalho intelectual que nos leva a debruçar-nos sobre as diferentes questões de nosso tempo para perceber onde está o nó que trava a passagem dos valores necessários à sobrevivência digna de nosso planeta e em particular do ser humano. A crítica reflexiva é apenas uma espécie de chamado ao pensamento, chamado à nossa corporeidade integral para nos darmos conta do tipo de mundo que estamos deixando como herança a nossas filhas, filhos e netos. Não apresentamos soluções e nem exemplos a serem seguidos como se receitas funcionassem em todos os lugares. As soluções plurais virão de cada uma de nós, de cada grupo preocupado com a vida do planeta e de seus habitantes e desde sua situação própria.

Por onde começar esta reflexão? Creio que por um lado é preciso continuar na linha da ausência de uma simbologia cristã feminina para abordar agora a questão ecológica. Há algo nesta linha que precisa ser aprofundada visto que segundo a tradição cristã mais comum entre nós não se reflete com o mesmo vigor e rigor na salvação da natureza objeto de destruição de nós seres humanos. A natureza é considerada “lugar” e como lugar se torna objeto submisso ao uso e ao poder humano. A partir daí se pode fazer uma abordagem crítica aceita pela maioria das igrejas sobre os excessos do poder humano sobre a natureza e as desastrosas conseqüências de nossa ganância sobre o planeta. Mas, precisamos ir mais longe. Precisamos ver como nossas filosofias, nossas crenças e as elaborações teológicas mantêm essa dominação ou apresentam-se aparentemente neutras diante dessa destruição.

Não se percebe que há uma concepção antropológica e cosmológica que sustenta as atuais políticas econômicas e que estas concepções têm raízes religiosas e notadamente ligadas às elaborações teológicas cristãs do passado.

Sabemos que as questões ecológicas são mais simpáticas às igrejas cristãs do que as questões levantadas pelo feminismo. Com a ecologia há um tipo de conflito que na realidade pode ser mais suportável do que o conflito aberto pelas mulheres. É isto porque se toma a questão ecológica apenas como a preservação do meio ambiente ou como uma bandeira de defesa da natureza a partir dos mesmos conteúdos cristãos. Não se percebe que há uma concepção antropológica e cosmológica que sustenta as atuais políticas econômicas e que estas concepções têm raízes religiosas e notadamente ligadas às elaborações teológicas cristãs do passado.

A maioria das pessoas reduz a questão ecológica à poluição do ar, à poluição sonora, à destruição das matas, à matança dos rios, aos

*Creio que as ações
devastadoras da
natureza são de fato
efeitos de nossas crenças
profundas, são efeitos de
um tipo de educação e
de socialização que vem
desde séculos passados.*

agrotóxicos, etc como se estas questões tivessem soluções independentemente do conjunto das produções culturais e das escolhas filosóficas e políticas que fazemos. Creio que as ações devastadoras da natureza são de fato efeitos de nossas crenças profundas, são efeitos de um tipo de educação e de socialização que vem desde séculos passados. Nesse processo se introduz a responsabilidade da tradição judeu-cristã visto que é dela que estamos tratando no momento. Esta formou a cultura de muitos povos através de uma antropologia e de uma cosmologia hierarquicamente antropocêntricas que hoje são extremamente destrutivas da Terra e de seus diferentes sistemas. Afirmar isto não significa negar o valor do Cristianismo e sua inestimável contribuição na valorização da pessoa humana sobretudo dos mais pobres. Entretanto, significa também afirmar que o nosso tempo exige outra interpretação e outras referências de sustentação dos valores chamados cristãos.

Por essa razão, não basta assumirmos uma luta ecológica e mantê-la afirmando os mesmos conteúdos teológicos presentes no cristianismo atual. O cristianismo é um fenômeno múltiplo e modificável e precisa em consequência modificar seus conteúdos e sua forma de explicitá-los. Não se trata apenas de introduzir novidades da moda ou de ajustar algumas convicções sociais. Creio que estamos sendo chamados a uma espécie de revolução copernicana para entendermos de novo as origens dos valores que sustentam a fé cristã. E, o que sustenta a fé cristã tem a ver com a própria sustentação da vida em nosso planeta. Esta sustentação é, a meu ver, anterior a qualquer sustentação religiosa e por isso se impõe como uma preocupação ou como uma urgência a ser pensada para que possamos nos comportar ou atuar de forma distinta.

Uma das exigências feitas ao cristianismo desde uma perspectiva ecológica é a urgente valorização da vida, ou seja, valorização de todos os processos vitais. E isto porque, embora a palavra vida seja uma das mais utilizadas, a concepção que se tem dela no cristianismo cheira muitas vezes a necrofilia. Muitas vezes nos parece, que se trata de uma vida amada a partir do sacrifício e da morte ou seja a partir de uma vida boa só depois da morte. Muitos acreditaram e acreditam que só terão a verdadeira vida depois da morte, depois que este corpo mortal desaparecer, visto que, é em direção a uma vida eterna para além dessa que parecem se encaminhar os esforços de muitas de nossas lutas históricas e de nossas lutas pessoais. Assim, ama-se mais o que virá do que aquilo que é, ama-se mais o passado ou o futuro do que o presente. E se o amor ao presente é esquecido não se luta para que as pessoas instaurem entre si novas relações no presente.

Como entender estas afirmações que podem parecer contraditórias com o que recebemos de luta pela dignidade da vida, pela justiça e pelo direito dos pobres, valores presentes na herança cristã?

A primeira consideração que precisamos fazer é em relação ao caráter complexo do cristianismo. A mesma crença que por um lado pode fornecer vida pode também em outras situações produzir morte. Este é o caráter ambíguo e contraditório de nossas crenças religiosas porque é o caráter de nossa própria humanidade. Somos ao mesmo tempo vida e morte, bem e mal, amor e ódio, construção e destruição, sentido e falta de sentido. Em relação ao cristianismo e às teologias se dá o mesmo fenômeno.

Creio que ninguém desconhece a forte influência de doutrinas espiritualistas na

Uma das exigências feitas ao cristianismo desde uma perspectiva ecológica é a urgente valorização da vida, ou seja, valorização de todos os processos vitais.

elaboração da teologia cristã sobretudo no passado. E não apenas doutrinas espiritualistas como a dos essênios, mas correntes filosóficas dualistas que valorizavam muito mais os corpos abstratos que a concreta materialidade da existência, muito mais as delícias celestes do que as breves experiências de prazer terreno. Havia sem dúvida uma desconfiança do ser humano e uma desconfiança da matéria sobretudo por causa de sua contingência e da mutabilidade que nos caracteriza. Estou convencida de que não podemos captar todas as razões que as pessoas daqueles tempos e lugares viveram para conseguir sobreviver às dificuldades de seu contexto. Apenas, podemos a partir de hoje captar como essas doutrinas sobreviveram em nós, como foram utilizadas, transformadas e apresentadas. Podemos captar sua força de construção e de destruição presentes ainda hoje em nossa história.

O Cristianismo, salvo algumas exceções provindas de alguns movimentos espirituais minoritários, desenvolve-se como uma espécie de negação do corpo muito embora Jesus tenha cuidado dos corpos

A Mãe Terra dos povos primitivos, a deusa da fertilidade e da valorização da sexualidade foi destronada pelo Deus Pai dos céus, aquele que mantém os poderes imperiais vivos e atuantes... É mais fácil lidar com a vontade de uma transcendência abstrata do que com as exigências éticas necessárias à sobrevivência da vida.

e ensinado a presença do divino nos corpos. Buscava-se a ascese do corpo como afirmação de um princípio criador fora dos limites da Terra, como exigência de uma vontade espiritual poderosa identificada a Deus. Havia a consciência de que pelo fato da matéria ser perecível deveríamos desenvolver em nós os valores espirituais únicos não perecíveis como se houvesse a possibilidade de uma vida totalmente no espírito longe das contradições e das exigências da matéria. Esta concepção antropológica e cultural permanece como

residual e ativa na teologia cristã até os dias de hoje. E, é ela que precisa ser ternamente visitada e repensada a partir da cotidianidade de nossa existência.

Muito embora, como já afirmei, o movimento de Jesus tenha lidado com corpos doentes, corpos necessitados, corpos desvalorizados, corpos escravizados, corpos famintos e sedentos de justiça material, a teologia posterior elaborada desde os primeiros séculos de nossa era, fechou-se numa espécie de realização da salvação para além dos corpos. Talvez por razões históricas compreensíveis na época, desenvolve-se a idéia de desprezo do mundo, desprezo da matéria, desprezo da sensibilidade, desprezo do sexo, desprezo dos prazeres. Mais uma vez a contradição histórica se faz presente. Pode-se pensar que ao desprezo da matéria ensinado aos pobres e vivido por alguns religiosos iniciados corresponde o crescimento da riqueza do Imperador Romano e de uma elite que se deliciava com os bens materiais. O princípio divino espiritual ajudava a manter a distancia entre as classes sociais na medida em que projeta a felicidade para além dessa vida e na medida em que dava um fundamento espiritual ao poder imperial e as distinções sociais hierarquizadas.

Além disso, tudo o que nos assemelhava aos animais e aos vegetais precisava ser ultrapassado e negado ou desvalorizado. A Mãe Terra dos povos primitivos, a deusa da fertilidade e da valorização da sexualidade foi destronada pelo Deus Pai dos céus, aquele que mantém os poderes imperiais vivos e atuantes. Com o Deus Pai há uma espécie de aliança com os poderes deste mundo. É mais fácil lidar com a vontade de uma transcendência abstrata do que com as exigências éticas necessárias à sobrevivência da vida. É mais fácil afirmar a obediência a um princípio espiritual universal que buscar a justiça, o perdão e a misericórdia nas relações cotidianas.

Desenvolve-se uma forte idéia de que esta vida passageira com seus sofrimentos e vícios tem pouco valor diante dos valores eternos

que encontraremos depois da morte. Só depois da morte nos salvaremos desta vida, destes condicionamentos da matéria, destas desigualdades inerentes a nossa condição. E seremos eternamente felizes. Entretanto, nos salvaremos não dentro dos processos vitais próprios aos animais, aves, peixes e plantas, mas absolutamente fora desses processos, visto que seremos assimilados a um Deus masculino vivendo num céu espiritual. Já aqui se marca a nossa superioridade em relação ao mundo animal e vegetal. De certa forma o Deus celeste aparece como substituto da Mãe Terra cuja realeza era vivida na própria terra. Com ele, já não renascemos como as sementes, mas vivemos eternamente em um céu de perfeição absoluta longe da mutabilidade e fragilidade dos processos terrenos.

O cuidado, o louvor e o agradecimento à fertilidade da terra, à fertilidade dos animais de todas as espécies incluindo-se aqui a fertilidade humana têm seu valor reduzido e passa-se a favorecer uma redenção abstrata num paraíso imaginário abstrato no qual se negam as condições reais de existência de todas as formas de vida. A felicidade completa aparece como a libertação do corpo, não só dos limites do corpo humano, mas de nossa dependência das necessidades de comer e beber e portanto de plantar e colher e distribuir. As atividades

Ninba hipótese de trabalho é que embora tenhamos progredido em valorização dos processos vitais continuamos ainda dependentes de uma cosmologia e de uma antropologia dualistas que fundam as nossas teologias.

terrenas são passageiras. A terra ela mesma é passageira. Da mesma forma tudo o que ela contém e faz viver é passageiro. No final tudo (compreende-se aqui a alma espiritual humana) será em Deus visto que este mundo passará, este mundo está fadado à morte. Daí porque o amor ao mundo é em função do amor maior que é o amor a Deus na sua eternidade constante. E o amor a Deus exige a renúncia ao amor das coisas materiais, à preocupação com a riqueza. Por isso, se exaltou a pobreza não em contraposição à

injustiça da riqueza roubada, mas como valorização da pobreza de espírito, como desprendimento da matéria.

Mas, o que é mesmo este amor a Deus? Como vivê-lo desde as contingências de nossa materialidade? O caminho mais comum era a negação do corpo, a consideração da materialidade como uma espécie de castigo do qual teremos necessariamente que nos libertar.

Hoje, apesar do incentivo ao consumismo sem limites, esta materialidade continua negada de diferentes maneiras também na cultura atual. Veja-se por exemplo como se espiritualiza o corpo ideal ditado pela moda, como se anseia por ele, como se fazem sacrifícios para que nos aproximemos deste ideal passageiro. E quando se chega lá por um breve tempo, há que se cuidar das tentações para não cair no inferno dos corpos plurais com suas gorduras e suas pelancas sobrando por todos os lados. Não vocês dirão, isto é o capitalismo e não o cristianismo. De fato, é o capitalismo influenciado por uma teologia sacrificial, por um corpo idealizado que seria a meta de todos os corpos.

Vocês provavelmente dirão que hoje a teologia mudou e já não é mais assim. Minha hipótese de trabalho é que embora tenhamos progredido em valorização dos processos vitais continuamos ainda dependentes de uma cosmologia e de uma antropologia dualistas que fundam as nossas teologias. E estas continuam alimentando o mundo de nossos valores religiosos e as hierarquias políticas, econômicas e culturais. Por essa razão os discursos teológicos parecem irrelevantes hoje.

Gostaria de desenvolver brevemente, a título de exemplo três questões teológicas reveladoras da crise ecológica na teologia:

- a questão da criação
- a questão da redenção
- a questão da morte e da ressurreição.

Tentarei apresentar algumas intuições na linha da perspectiva ecofeminista como convite a uma reflexão ulterior mais aprofundada.

1. A QUESTÃO DA CRIAÇÃO

Somos todos com todos os processos vitais “poeira” de estrelas, ou seja, todos tiveram o mesmo início e temos o mesmo meio vital. Tudo o que existe é interconectado, é interdependente. Esta é a palavra da ciência contemporânea que nos convida a re-situarmos nossa tradições religiosas numa perspectiva de interdependência e de humildade maiores. Tal afirmação nos convida, entre outras atitudes, a reconsiderar nossa concepção masculina de um Deus criador de origem mais ou menos judaica, assim como todas as deduções teológicas a partir dessa afirmação inicial. Reconsiderar nossas concepções não é negar aquilo que foi no passado, mas começar um processo ousado de explicitar nossas crenças a partir das vivências ou a partir daquilo que de fato estamos experimentando em nossa existência atual.

A concepção tradicional da criação foi de certa forma aprisionada por leis e regras ligadas a uma dominação política que acabou negando a extraordinária capacidade criativa do universo e da terra. Colocamos tudo sob controle da razão teológica masculina que assim como outras razões reconhecidas como científicas pretendem exercer o controle sobre nossa criatividade e sobre nossa liberdade.

Retomar a criação a partir da tradição judaica assumida pelo cristianismo nos convida a refletir sobre o relato da criação como um mito entre outros, um esforço narrativo que explicita uma compreensão do mundo que nos foi legada. Trata-se portanto de uma entre outras concepções. Mas, é uma que nos é cara pois, a

partir dela criamos e recriamos nosso mundo de significações. E, é aqui que entra a contribuição de nosso tempo, uma contribuição que não pode mais ser limitada pela dogmática hierárquica assumida pelas igrejas sem que suas conseqüências sejam confrontadas com as exigências atuais de nosso mundo.

Na doutrina da criação esconde-se um teocentrismo antropocêntrico e androcêntrico que controla a criatividade da vida e não dá suficiente valor àquilo que poderíamos chamar de seres não humanos ou de todos os outros seres da natureza dos quais os seres humanos dependem. Estamos propondo abrir mitos e conceitos para as narrativas que os fizeram nascer assim como para as nossas atuais narrativas. Este parece ser o grande desafio que nos é proposto como uma pequena contribuição para tornarmos nosso planeta uma habitação mais viável e digna para todos.

Longe de negarmos as tradições religiosas cristãs tentamos fazer com que elas vivam de forma a contribuir para a vida do planeta. É nesse sentido que podemos falar dos processos de desconstrução. Não se trata de destruir ou de chegar a uma espécie de niilismo teórico onde reina a mais absoluta fragmentação de tudo. Ao contrário trata-se de resgatar a complexidade do universo e situar a partir dela as diferentes narrativas creacionais como tentativas humanas de aproximação do mistério da vida que nos envolve a todas e todos. Essas narrativas múltiplas não podem ser erigidas em verdades absolutas, mas apenas afirmadas como sabedorias que revelam a inquietação humana diante das perguntas e das respostas provisórias trazidas por nossa existência.

Na doutrina da criação esconde-se um teocentrismo antropocêntrico e androcêntrico que controla a criatividade da vida e não dá suficiente valor àquilo que poderíamos chamar de seres não humanos...

A importância dos mitos da criação se situa como expressão da curiosidade das origens, como poesia da busca de sentido, como musicalidade do universo expressa em linguagem humana. Por essa razão, abrir os nossos mitos às novas compreensões significa afirmar a universalidade da busca humana de sentido para tudo o que toca a nossa existência.

2. A QUESTÃO DA REDENÇÃO

A doutrina da redenção no cristianismo é dominada por uma compreensão mítica do ser humano segundo a qual originariamente fomos criados bons e por vontade nossa nos corrompemos deixando-nos seduzir pelas forças do mal. Em alguns mitos do mal presentes na Bíblia podemos perceber o quanto o mal vem simbolizado pelas coisas da natureza: a árvore do bem e do mal, o fruto proibido, a serpente, as águas que nos submergem. A simbologia da natureza parece prestar-se para expressar o mal exterior que acomete o ser humano como se fosse um ataque inimigo que nos vem de fora. Sem dúvida há também o interior humano simbolizado pelo coração ou pelas entranhas. Mas, a expressão do mal exterior ao ser humano aparece na sua forma mais ligada às forças da natureza e isto nos convida a reflexão.

*... abrir os nossos
mitos às novas
compreensões
significa afirmar a
universalidade da
busca humana de
sentido para tudo o
que toca a nossa
existência.*

Se por um lado isto nos leva a crer numa espécie de oposição às divindades da natureza presente em diferentes povos antigos (Astarte dos cananeus, por exemplo), a simbologia também revela uma espécie de identificação do “não Deus” à natureza e ao ser humano na sua condição real. Deus parece estar acima da mistura que somos com uma natureza pura e perfeita. Por isso, se vai falar de Deus

como ser perfeitíssimo. Dada a distancia entre o criador e as criaturas só mesmo alguém da mesma natureza divina poderia resgatar os seres humanos do distanciamento que eles mesmos se impuseram em relação a Deus. Por isso, segundo a cosmovisão cristã que se desenvolveu nos primeiros séculos depois da morte de Jesus se falou de Encarnação divina. Deus se faz um com a carne humana para salvar a carne humana ou para trazer os humanos de novo para uma vida de aproximação de filiação divina adotiva. O privilégio dos humanos em relação ao resto da criação é inegável!

Não se consideram os processos de renovação da vida animal e vegetal como processos de redenção, inscritos na própria força organizativa da vida.

No processo de redenção a partir da encarnação a figura salvífica é o filho único de Deus. Identifica-se a encarnação do amor ou a simples presença do amor ao poder absoluto de Deus. Passa-se a dar uma atenção enorme à divindade de Jesus e em contrapartida passamos a caricaturar sua humanidade colocando-a num pedestal de perfeições totalmente mítico. Quanto mais divinizamos a Jesus mais lhe entregamos poderes sobre humanos, mais desvalorizamos os nossos esforços para que as relações entre nós se modifiquem em justiça e respeito mútuos.

Nesse processo idealizado de redenção, a natureza e os animais parecem estar fadados à morte radical. Apenas os seres humanos têm algo de imperecível. Trata-se da alma humana que segundo a cosmovisão cristã é marcada pela imortalidade visto ser de uma substância diferente. O mundo tornando-se assim irremediavelmente perecível e por isso merece um cuidado relativo às necessidades humanas terrenas. Neste sentido, não há muita preocupação com a morte das plantas e animais, com os desastres ecológicos etc. Não se consideram os processos de renovação da vida animal e vegetal

como processos de redenção, inscritos na própria força organizativa da vida. Através destas breves intuições se pode perceber a gravidade da problemática que estamos querendo tocar e como ela se desenvolve em nossa cultura as vezes através de mecanismos pouco perceptíveis para a maioria.

3. A QUESTÃO DA MORTE E RESSURREIÇÃO

A partir do que refletimos acima, a morte e a ressurreição no cristianismo parece revestir-se de um significado que rompe com os chamados processos naturais. A morte humana é considerada um mal a ser vencido ou a inevitável passagem para uma outra vida, uma vida onde apenas a alma espiritual ressuscita e vive eternamente. Trata-se apenas da alma humana visto que os outros seres vivos estão destinados à morte final e total. Só os humanos gozarão da felicidade eterna. Mais uma vez a supremacia humana aparece e lhe dá poder sobre todos os outros seres do universo, seres perecíveis, seres que embora criados pelo mesmo Deus não têm a destinação eterna.

Diante dessa espécie de hierarquia entre os seres criados abrem-se outras hierarquias entre os seres humanos: hierarquias de gênero, de raças, de etnias, de idades e assim por diante. No início da modernidade se desconfiava se os negros e os indígenas teriam alma humana dada à proximidade de suas culturas com os processos da natureza. Aliás esta mesma pergunta fora feita antes em relação às mulheres.

Na compreensão antropológica e cosmológica que estão presentes no cristianismo desde os primeiros séculos as hierarquias são

observadas de forma a submeter ao ser humano masculino e branco quase todo o poder sobre a terra e de forma indiscutível o poder religioso. Mais uma vez, vocês poderiam dizer que hoje já não é mais assim. Creio que ainda é assim muito embora as afirmações de igualdade entre os seres humanos escondam a verdade de nossas ações e pensamentos. São elas que testemunham as nossas crenças. Basta constatar que são os lugares onde vivem os mais pobres, em geral negros e indígenas, os escolhidos para se jogar o lixo das cidades e até o lixo atômico. São as populações mais pobres em geral de negros e indígenas as maiores vítimas da violência gerada pelo sistema capitalista. São eles que habitam os lixões e as prisões. São eles os infratores, os marginais, os miseráveis, os condenados.

O que está em jogo em nossas doutrinas teológicas é esta mistura de vontade de poder; de dominação com algo que aparece como uma dimensão sublime, dimensão de amor universal, de igualdade de direitos e oportunidades.

Temos a impressão que as doutrinas teológicas nada têm a ver com a manutenção das grandes e pequenas injustiças sociais. Tentamos de todas as maneiras torná-las puras e coerentes racionalmente. Tentamos de todas as maneiras identifica-las a sublimidade do amor. Nem percebemos que esta aparente pureza é apenas fachada que esconde uma realidade cruel que não queremos enfrentar, ou seja, a cumplicidade direta ou indireta com os sistemas de violência. Sem dúvida não se pode esquecer da solidariedade direta e indireta com os processos de cuidado e de misericórdia. Por essa razão precisamos repetir: tudo é mistura, uma inevitável mistura da qual temos que tomar mais consciência.

O que está em jogo em nossas doutrinas teológicas é esta mistura de vontade de poder, de dominação com algo que aparece como uma dimensão sublime, dimensão de amor universal, de igualdade

de direitos e oportunidades. Precisamos desmascarar as nossas ilusões de bondade e amor universal muito embora, às vezes, as necessitamos como do ar que respiramos. Mas, sem desmascará-las ou seja, sem reconhecer sua dimensão real e sua complexidade não poderemos dar passos para que uma humanidade melhor possa nascer hoje mesmo de nossas entranhas. E a humanidade melhor é de cada pessoa e de toda a humanidade ao mesmo tempo. É nessa renovação cotidiana do pacto humano de respeito mútuo que renascemos, que ressuscitamos, que vencemos as várias formas de morte que nos subjugam. A ressurreição é um processo jamais acabado no interior mesmo da vida. E quando a vida individual se extingue novos brotos de vida já estão aí irrompendo na terra, único lugar com condições de continuar a fazer germinar esta vida da qual participamos todas e todos. É nessa linha que se pode reler a crença na ressurreição de Jesus. Trata-se de uma ressurreição paradigmática, prototípica que indica que na medida em que continuamos fazendo valer os valores que animaram a vida de Jesus, ele e eles continuam ressuscitando hoje no meio de nós. E isto é válido para outros personagens – mulheres e homens- cujos exemplos de vida inspiram as nossas ações. Nessa perspectiva a ressurreição é e não é para depois da morte. Ela é na realidade sempre para a vida, para nós que aqui estamos, que falamos dela. Ela é como os exemplos inspiradores dos que se foram

*É nessa renovação
cotidiana do pacto
humano de respeito
mútuo que
renascemos, que
ressuscitamos, que
vencemos as várias
formas de morte que
nos subjugam.*

e se transformaram por sua vida em boa semente para nós. Esta semente, à maneira das sementes de frutos e hortaliças, quando deixada na terra é capaz de renascer, crescer e dar muitos frutos. O mesmo se pode dizer de todas as formas de vida ou seja podemos dizer que todas participam do mesmo processo de vida, morte e ressurreição. Isto evidencia mais uma vez a interdependência entre os processos vitais e as semelhanças que existem entre eles. Desta forma, já não

se pode mais pensar em salvação do ser humano sem o conjunto de seu entorno físico vital, já não se pode mais pensar o ser humano como o rei da natureza, superior a todas as criaturas. Somos parte deste corpo único que vive desde o individual e o coletivo numa criativa e vital interdependência de vida, morte, ressurreição, renovação.

Estes são alguns pedidos que fazemos às nossas igrejas e às teologias. E os pedidos que fazemos às Igrejas são convites ao pensamento, convites para retomar a simplicidade de nosso cotidiano, aprender dele pois é nele que está a maior sabedoria capaz de mover nossos corações. É nele que uma criança nasce de novo, que um cachorro nos salva da solidão, que um pássaro nos desperta para um novo dia e que o mesmo ar nos faz respirar a todos. Esta é, a nosso ver, uma das formas atuais de anunciarmos para nós mesmos a boa nova da vida em abundância para tudo o que existe.

